



Viu, sentiu compaixão e cuidou dele (Lc 10,33-34)

He saw and felt compassion and cared for him
(Lk 10: 33-34)

*Aíla Luzia Pinheiro de Andrade**

*Augusto Lívio Nogueira de Moraes***

Recebido em: 30/10/2019. Aceito em: 06/12/2019.

Resumo: *A Campanha da Fraternidade de 2020 retira do texto do Evangelho segundo Lucas seu lema inspirador. Este lema encontra-se dentro da narrativa da parábola do Bom Samaritano. Com o objetivo de ajudar a melhor mergulhar na proposta que este lema inspira, o presente artigo apresenta uma breve análise exegético-hermenêutica dessa parábola. Através de criteriosa pesquisa bibliográfica e aplicação de métodos de exegese bíblica, o artigo traz uma breve apresentação do Evangelho segundo Lucas, com sua estrutura formal. Em seguida, contextualiza a perícopes do Bom Samaritano dentro do referido evangelho. Por meio de uma análise mais detalhada do texto bíblico, são aprofundados os elementos trabalhados pela parábola, com ênfase na compreensão de quem seria o próximo que o evangelho deseja apresentar. Por fim, o artigo termina demonstrando alguns dos elementos desconcertantes da parábola, que questionam não somente seus ouvintes, mas a todos os cristãos através dos séculos.*

Palavras-chave: *Bom samaritano. Próximo. Evangelho segundo Lucas.*

* Doutora em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008). Mestre em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2003). Bacharel em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2000). Licenciada em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998). Participa do grupo de pesquisa O Novo Testamento e suas tradições textuais: formação, transmissão e recepção. Leciona no Mestrado e na Graduação na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) na área de Sagrada Escritura.
E-mail: ailapinheiro@hotmail.com.br

** Mestre em Teologia com concentração em Literatura Bíblica e Teológica – interpretações (Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, 2019). Participa do grupo de pesquisa Cristianismo e Interpretações. Leciona na Graduação na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) na área de Sagrada Escritura.
E-mail: profaugustolivio@gmail.com



Abstract: *The 2020 Fraternity Campaign bases its inspiring motto on the Gospel according to Luke. This motto is part of the parable of the good Samaritan. In order to help better understand the proposal inspired by this motto, this article presents a brief exegetical-hermeneutic analysis of that parable. Through careful bibliographical research and application of biblical exegesis methods, the article brings a brief presentation of the Gospel according to Luke. It then contextualizes the parable of the Good Samaritan in the structure of the Gospel. Through a more detailed analysis of the biblical text, the parable elements are deepened to understand who is the “neighbor” that the gospel wants to present. Finally, the article ends by demonstrating some of the perplexing elements of the parable that question not only the listeners of the first century AD, but the Christians of all ages.*

Keywords: *Good Samaritan. Neighbor. Gospel according to Luke.*

Introdução

A Campanha da Fraternidade de 2020 tem como tema *Fraternidade e vida: dom e compromisso* e, tomando como texto inspirador a parábola do Bom Samaritano, assumiu como lema a frase *Viu, sentiu compaixão e cuidou dele* (Lc 10,33-34).

Essa parábola, tão conhecida, corre o risco de não nos impactar com a força de sua mensagem justamente por sua popularidade entre as histórias contadas por Jesus. O fato de ser muito conhecida pode nos passar a impressão de que já a entendemos bem, ou pior, tornar-nos insensíveis à força de sua mensagem. Não nos enganemos, sua mensagem ainda nos interpela hoje. Com sua dinâmica narrativa e seus personagens, essa parábola nos coloca diante da necessidade de tomarmos uma posição diante do homem caído.¹

Para o Doutor da Lei, o impacto foi o fato de que um samaritano se tornou o herói da narrativa. O interlocutor de Jesus suspeitava que um colega israelita fosse aquele que cuidaria do homem ferido. Entretanto, foi a um samaritano que Jesus tornou herói da parábola. Isso deve ter causado um grande impacto não apenas no Doutor da Lei, mas também nos discípulos e demais ouvintes, pois os samaritanos eram odiados pelos judeus.

¹ BÍBLIA de Jerusalém. Revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002; Lc 10,30.



1 Lucas, o Evangelho do caminho

Os primeiros destinatários do Evangelho segundo Lucas pertencem ao ambiente helenista, possivelmente de Antioquia da Síria ou da Ásia Menor.² Trata-se, como deixa entrever o texto, de uma comunidade mista, com presença de cristãos de origem helênica e em número menor cristãos oriundos do judaísmo

A dedicatória da obra menciona certo Teófilo, figura literária, imagem do verdadeiro catecúmeno ou leitor cristão, representante não somente daqueles que viveram no final do século I d.C, mas também dos que pertencem às sucessivas gerações do cristianismo.

A intenção da obra está explicitada no prólogo: “para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste”.³ O interesse é eminentemente catequético, o autor relê os eventos da história à luz da fé. Portanto, seu interesse é revigorar a fidelidade ao ensinamento e à prática transmitidos pela tradição. Lucas garante a autenticidade da doutrina mostrando que as práticas e os ensinamentos assumidos pelas comunidades de sua época estão enraizados no tempo de Jesus.

1.1 Estrutura da obra e a parábola do Bom Samaritano

O Evangelho segundo Lucas pode ser dividido em três grandes partes, precedidas por uma parte introdutória.⁴

PARTE INTRODUTÓRIA:

- Prólogo Literário (1,1-4)
- Relatos sobre nascimento de João Batista e sobre o nascimento e infância de Jesus (1,5-2,52)
- Díptico introdutório apresentando a atividade de João Batista e a unção e provação de Jesus (3,1-4,13)

² BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*, V. III. Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse. 3. ed, São Paulo: Loyola, 2001. p. 73: “Para os leitores de Lucas, a geografia, a linguagem e as condições religiosas e políticas da Palestina eram estranhas e remotas. Muitos não estavam familiarizados com os escritos judaicos aos quais os pregadores se referiam com frequência ao explicar a história de Jesus”.

³ Lc 1,4.

⁴ Tomamos por base o esquema apresentado por MONASTÉRIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maia, 2006. p. 284-285.



PRIMEIRA PARTE: Atividade de Jesus na Galileia (4,14-9,50)

SEGUNDA PARTE: Caminho de Jesus para Jerusalém (9,51-19,28)

TERCEIRA PARTE: Atividade de Jesus em Jerusalém (19,29-24,53)

O texto do Bom Samaritano encontra-se dentro da segunda parte do Evangelho. Essa parte apresenta Jesus subindo para Jerusalém e é a parte mais longa de toda a obra. Nela temos o eixo em torno do qual gira a mensagem de Lucas, a comunidade cristã é uma comunidade que está no caminho de/com Jesus. Durante essa subida para Jerusalém, o evangelista apresenta Jesus ensinado, curando, discutindo com seus discípulos e adversários, tudo isso como uma forma pedagógica de ajudar sua comunidade a entender o que significa seguir Jesus e os elementos centrais de sua mensagem.⁵

Antes da cena na qual Jesus conta a parábola do Bom Samaritano, o caminho começa com uma controvérsia com os samaritanos,⁶ pois estes se recusaram a dar acolhida para Jesus e seus discípulos que subiam para Jerusalém, provocando o desejo de uma resposta violenta por parte de Tiago e João, mas que prontamente foi recusada por Jesus.

Após serem apresentados três relatos sobre as condições para o seguimento,⁷ Jesus envia setenta e dois discípulos para irem a sua frente nas cidades por onde ele pretendia passar, dando-lhes instruções sobre como proceder e o que deveriam anunciar.⁸

Em seguida, encontram-se três textos cujo tema é a alegria: em que deve consistir a alegria dos discípulos que retornaram da missão,⁹ a alegria de Jesus pelo Evangelho ser revelado aos pequeninos,¹⁰ a bem-aventurança que Jesus anuncia aos discípulos por eles poderem ver e ouvir o que outros desejaram, mas não puderam experimentar.¹¹

⁵ FABRIS, Rinaldo. O Evangelho segundo Lucas. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 12-13.

⁶ Lc 9,51-55.

⁷ Lc 9,57-62.

⁸ Lc 10,1-16.

⁹ Lc 10,17-20.

¹⁰ Lc 10,21-22.

¹¹ Lc 10,23-24.



A partir deste momento se abre a narrativa da parábola do Bom Samaritano.¹²

Após a parábola teremos a cena de Jesus na casa de Marta e Maria, onde se apresentará o tema da escolha da melhor parte.¹³ Esse texto será seguido de um bloco que tratará sobre o tema da oração dividido em 3 partes: Jesus ensina seus discípulos a orar,¹⁴ Jesus ensina sobre a perseverança na oração¹⁵ e Jesus ensina sobre a eficácia da oração.¹⁶

A parábola do Bom Samaritano está inserida dentro deste contexto na estrutura do evangelho lucano.

1.2 Elementos teológicos do Evangelho segundo Lucas

Lucas recolhe as tradições sobre o ministério de Jesus, as reelabora e compõe uma catequese para a comunidade cristã. Nele o evangelista apresenta o caminho profético e salvador através do qual Deus Pai fez um trajeto com a humanidade, inicialmente com o povo da aliança, depois, através de Jesus, continuando com a comunidade da primeira geração cristã e, enfim, devendo percorrê-lo com cada geração até a plenitude do Reino para todos preparado.

Deus Pai estabeleceu um caminho de salvação por meio de uma promessa no passado (aliança com Israel), que se cumpriu em Jesus e que a Igreja anuncia por palavras e testemunho até que esta via chegue ao cume na plenitude dos tempos.¹⁷

A obra de Lucas apresenta os grandes eventos da história da humanidade identificados com o caminho salvador determinado por Deus Pai: João, o batista, é o término do tempo da promessa.¹⁸ João é o elo entre a promessa e seu cumprimento através da mensagem de conversão

¹² Lc 10,25-37.

¹³ Lc 10,38-42.

¹⁴ Lc 11,1-4.

¹⁵ Lc 11,5-8.

¹⁶ Lc 11,9-13.

¹⁷ Lc 16,16.

¹⁸ Lc 3,4-6; Is 40,3-5.



por ele proclamada.¹⁹ Com Jesus inaugura-se o tempo do cumprimento, ele é o centro deste tempo salvífico.²⁰

Entre os evangelistas, Lucas é o que mais utiliza o termo salvar e seus correlatos. O termo *salvar* (*sozeîn*) aparece dezessete vezes no seu Evangelho.²¹ Entretanto, Lucas não apresenta uma perspectiva escatológica sobre o tema como fazem os outros evangelistas. Ele entende a salvação como um acontecimento que está em processo dentro da história; por isso, para ele a história é uma história de salvação, prometida no Antigo Testamento, cumprida na pessoa de Jesus e continuada pela comunidade dos discípulos.

Essa salvação cumprida na pessoa de Jesus é apresentada por Lucas em cenas bem concretas, pois ela, apesar de ser universal, tem seus destinatários privilegiados: os pobres, os pecadores, os marginalizados, as mulheres, os samaritanos.²²

O caminho salvador que a comunidade cristã é chamada a seguir é apresentado por Lucas em toda sua obra, mas, de modo particular, na segunda parte de seu Evangelho a qual ele dedica ao caminho de Jesus que sobe em direção à Jerusalém. Nessa longa parte, Lucas narra várias cenas por meio das quais deseja ensinar sobre esse caminho, sobre seus destinatários, sobre a ética que deve conduzir a vida dos seguidores de Jesus. Dentre essas cenas encontra-se a narrativa da parábola do Bom Samaritano.

2 O Bom Samaritano

Entrando diretamente na análise do texto do Bom Samaritano, recordamos que em Lc 10,17-20, encerrando o relatório da missão dos 72 discípulos, se afirma que Jesus exultou no Espírito, fazendo uma ação de graças ao Pai e Senhor porque revelou, aos pequeninos, aquilo que está oculto aos sábios e experientes. Essa revelação se dá através de Jesus, o único que conhece o Pai.

¹⁹ Lc 3,3ss.

²⁰ Lc 4,18-19; Is 61,1-2.

²¹ MARCONI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 160.

²² MONASTÉRIO; CARMONA, 2006, p. 318-322.



O contexto imediatamente posterior demonstra a atitude de um sábio, o Doutor da Lei, e de um pequenino, o Samaritano. Neste contexto Jesus esclarece a seus discípulos que o seu caminho salvífico é de amor-misericórdia.

O Doutor da Lei se dirige a Jesus com o objetivo de testar a sua interpretação da Torah a respeito da vida eterna. Esse tema era constantemente discutido pelos rabinos da época, os quais haviam resumido a prática da Torah à tarefa de amar a Deus e ao *próximo*²³. O Doutor da Lei demonstra estar informado sobre essas questões de forma teórica, mas não sabe como praticar o mandamento devido à amplitude de significados para o termo *próximo* no idioma hebraico, no qual foi escrita a Torah.

No imperativo “amarás o teu *próximo* como a ti mesmo”,²⁴ o termo que geralmente se traduz por *próximo* pode significar amigo, vizinho, conhecido ou sócio. No tempo de Jesus, o *próximo* estava restrito aos membros do grupo de afinidade, ou seja, aos que compartilhavam da mesma ideologia religiosa e política.²⁵ Por isso, o Doutor da Lei deseja precisar o campo da própria ação perguntando a Jesus qual seria, concretamente, o destinatário específico do seu agir.

Jesus conta a parábola do Bom Samaritano para ajudar o Doutor da Lei a descobrir a resposta dentro de si mesmo.

2.1 Análise do texto do Bom Samaritano

Podemos, agora, à luz do contexto mais amplo do Evangelho segundo Lucas, analisar o texto da parábola para podermos perceber toda a sua riqueza e a força de sua mensagem.

2.1.1 As molduras da parábola

O texto de *Lc 10,25-35* é composto por uma parábola e dois momentos de diálogo entre Jesus e um Doutor da Lei. Especificamente a parábola está emoldurada pelos diálogos que se constituem como perguntas e respostas.

²³ MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos: história e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 230.

²⁴ Lv 19,18.

²⁵ FABRIS, 2006, p. 126.



– Moldura1: v. 25-28:

A. Pergunta do Doutor da Lei: Que devo *fazer* para herdar a vida eterna? (v.25)

B. Pergunta de Jesus: Que está escrito na *Lei*? Como lêis? (v. 26)

B'. Resposta do doutor da Lei: *Amar* a Deus e ao Próximo (v. 27)

A'. Resposta de Jesus: “*faze isto e viverás*” (v.28)

Essa moldura nos orienta como interpretar o texto. Primeiramente, deixa claro que o autor escolheu a melhor forma de expor os ensinamentos de Jesus através de um texto. Geralmente os relatos bíblicos são estruturados em paralelismos. Podemos comparar o texto bíblico com um bolo confeitado com camadas de chocolate e de baunilha, sendo o mesmo sabor na primeira e na última.²⁶

O interesse do Doutor da Lei parece ser fazer o mínimo esforço para conseguir um grande prêmio, ou querer saborear a camada final sem provar das outras, assim irá estragar o bolo. À pergunta sobre o agir adequado para herdar a vida eterna, Jesus responde com a pergunta sobre o que está escrito na Lei (Torah) e como o seu interlocutor a interpreta.

O Doutor da Lei interpreta a Escritura resumindo-a num duplo mandamento de amor, combinando *Dt 6,4-5* e *Lv 19,18*, conforme era costume naquela época. Sendo assim, se a resposta está claramente fixada na Lei, não há o que debater, basta pôr em prática o que está indicado. Note-se que a ênfase dessa moldura é a relação entre a Torah e a tarefa de amar, nisto consiste a participação na vida eterna. É praticando o amor que se vive para a eternidade. Isso elimina qualquer postura legalista ou preconceituosa a respeito do Antigo Testamento.

Esse diálogo poderia ter terminado aí (como se faz nos paralelos de Mateus e Marcos), mas na versão lucana o Doutor da Lei faz a Jesus uma questão adicional querendo se justificar a respeito do conceito *próximo*. O significado desse termo não era óbvio e o Doutor da Lei quer delimitar seu campo de ação. Ele quer saber concretamente a quem deve amar.

Passemos à segunda parte do diálogo, para em seguida considerarmos a parábola:

²⁶ SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 79.



– Moldura 2: v. 29.35-36

A. Pergunta do Doutor da Lei (Campo restrito de ação): Quem é meu *próximo*? (v. 29)

B. Pergunta de Jesus (sujeito da ação): Quem se mostrou *próximo*? (v. 36)

B'. Resposta do Doutor da Lei (sujeito da ação): Quem *agiu com Misericórdia* (amor) (v. 37a)

A'. Resposta de Jesus (Campo amplo de ação): *faze o mesmo* (v. 37b)

Se do amor ao próximo depende nada menos que a vida eterna, parece natural que se queira determinar indubitavelmente quem é o *próximo*. Querendo assegurar-se de que herdará a vida eterna, o Doutor da Lei mostra que necessita de uma definição mais incontestável a respeito daquele a quem deve amar.

Depois da parábola, o diálogo continua com uma contrapergunta de Jesus. Então algo inesperado acontece, as alternativas de resposta que Jesus oferece ao Doutor da Lei (qual dos três?) redireciona a atenção para os sujeitos da ação, neles é que está a definição de *próximo*. Sem perceber a reviravolta implicada nas alternativas de resposta que Jesus lhe oferece, o Doutor da Lei responde que o *próximo* foi aquele que agiu com misericórdia. O *próximo* não é uma categoria a qual o Doutor da Lei está autorizado a aplicar aos outros; ao contrário, traz a forma de um desafio a um agente ético capaz de ser ou de não ser próximo de alguém. O *próximo* não é alguém a quem se deve ajudar, mas é alguém que se aproximou para ajudar. No imperativo ético dado por Jesus (vai e faze o mesmo) o Doutor da Lei é convidado a ser o “próximo” das pessoas que atravessarem a sua trajetória histórica. Agindo dessa forma estará em direção à vida eterna.

Neste caso, *as camadas do bolo* vão focar que o mandamento de amar o próximo significa agir com misericórdia com cada pessoa que encontrarmos pelo caminho. O nosso agir, com relação às pessoas, deve se espelhar no agir do samaritano.

2.1.2 A parábola do Bom Samaritano (10,30-35)

O enredo da história é bastante direto e sua estrutura é muito simples:



A. Uma vítima (10,30)

B. Os distantes (10,31-32)

A'. O próximo (10,33-35)

Esse tipo de estrutura literária tem o objetivo de manter o leitor no foco, sem distrações com assuntos secundários que estão presentes apenas em função do objetivo principal. Neste caso o foco está numa denúncia das atitudes contraditórias do levita e do sacerdote.

O texto começa mencionando que *um homem*, alguém que permanecerá anônimo até o final, é assaltado no caminho para Jericó e deixado semimorto à margem da estrada.

A descrição pormenorizada do que acontece com a vítima alude ao termo hebraico presente no mandamento de *Lv 19,18*. O vocábulo *rea* aparece muitas vezes na bíblia hebraica. É próprio da linguagem cotidiana para relacionamentos e pode designar amigo, vizinho, conhecido ou sócio etc. Em seu sentido teológico significa o *outro*, o *não-eu*, o *diferente* de mim.

Portanto, quando o texto de Lucas afirma que a vítima foi despojada de tudo, quer dizer que ficou completamente nua e que, portanto, não poderia ser identificada pelas vestes. Trata-se apenas de *certo homem* do qual não é possível saber sua etnia, classe social ou religião. A vítima é o *outro*, o anônimo que interpela os transeuntes a uma ação.

3 Uma parábola desconcertante

O texto do Evangelho afirma que passaram por ali um sacerdote e um levita e, preocupados com a possibilidade de se tornarem ritualmente impuros pelo contato com um cadáver, seguem adiante sem se aproximar para ajudar.

Nesse ponto da parábola há um exagero para enfatizar o mau exemplo desses dois personagens, pois eles estão descendo de Jerusalém e isto significa que já realizaram a liturgia e, portanto, não deveriam estar preocupados com a pureza ritual e sim em cumprir o mandamento do amor ao *próximo*.

A parábola deixa claro que temos um mau exemplo dado por pessoas de quem se deveria esperar um bom exemplo, porque elas não põem a Torah em prática.



É um menosprezado Samaritano,²⁷ evidentemente desinteressado quanto à pureza ritual, quem se aproxima da vítima, para curar suas feridas, levá-la a um abrigo e instruir o hospedeiro a não economizar dinheiro durante o tratamento das feridas.

Considerado em si mesmo, o relato sobre um homem que foi ferido por ladrões poderia conduzir os leitores que compartilham da perspectiva do Doutor da Lei a supor que o *próximo* é apenas o homem em necessidade. Nesse tipo de interpretação, os detalhes da narrativa são, em última instância, supérfluos, e a parábola é somente mais um modo atrativo de ilustrar uma resposta bastante direta para a questão do Doutor da Lei: teu próximo é alguém que precisa de tua ajuda. Contudo, esse tipo de interpretação está longe de ser aquela que Jesus faz e deseja que seus seguidores compartilhem, ou seja, outra maneira de entender o texto de *Lv 19,18*.

“Qual *dos três* foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?”²⁸ Supõe-se que a resposta deve ser um dos que passaram por ali, ou seja, o sacerdote, o levita ou o samaritano. Em nenhuma das alternativas dadas por Jesus está a vítima.

Quando não responde à pergunta do Doutor da Lei, mas, ao contrário, a envia de volta numa contrapergunta, Jesus força o Doutor da Lei a aplicar o termo *próximo* não para a vítima do assalto, mas para “o que mostrou [literalmente: fez] misericórdia para com ele”.²⁹ Na verdade, o mandamento da Torah deveria ser traduzido por *amar o outro*, pois as traduções modernas quando escrevem *amar o próximo* estão influenciadas por interpretações posteriores.

Contudo, o efeito da pergunta de Jesus não é somente substituir uma definição possível de *próximo* (alguém em necessidade) por outra (alguém que satisfaz as necessidades de outro). Trata-se da vida eterna e do cumprimento das Escrituras na prática do amor. A vivência do seguimento de Jesus é a execução da vocação do ser humano expressa na totalidade das Escrituras que, em resumo, implica na tarefa de amar efetivamente a Deus e ao outro que nos interpela no caminho para a vida eterna.

²⁷ Lucas, ao colocar essa parábola após a cena da rejeição dos samaritanos à passagem de Jesus com seus discípulos pela Samaria, oferece um contraponto, reforçando o elemento desconcertante dessa parábola para os leitores de seu evangelho.

²⁸ Lc 10,36.

²⁹ Lc 10,37.



Considerações finais

O *próximo* é o que se aproximou, ou como afirmou o Doutor da Lei, o que praticou (literalmente: fez) misericórdia. De fato, as antigas traduções das Escrituras, tanto para a língua aramaica, quanto para o idioma grego, em Lv 19,18, usam termos que denotam compaixão.³⁰ Esse termo é usado em passagens do Antigo Testamento que destacam a bondade amorosa ou da misericórdia e compaixão de Deus pela humanidade. O amor inesgotável de Deus passa a ser a marca registrada da experiência que o povo de Israel tem com Deus no curso da história.

A melhor maneira de expressar o relacionamento que se tenta transmitir com o termo misericórdia seria a frase “amor misericordioso”. O amor misericordioso de Deus pela humanidade é, portanto, o tipo de amor que os seres humanos devem ter uns pelos outros.

O amor misericordioso é uma força poderosa que afeta a pessoa e a impulsiona no sentido de aliviar os infortúnios dos outros, e a faz abrir mão do seu bem-estar para promover a vida e a dignidade do outro.

O Doutor da Lei, grande conhecedor da Torah, sabe com que tipo de amor se deve amar *o outro*. Ele e os personagens do início da parábola foram apresentados como pessoas cheias de perfeições, mas sem profundidade na espiritualidade, entendida como relacionamento profundo e íntimo com Deus, com consequências práticas na vida cotidiana. Eles representam pessoas de nossa época que têm uma religiosidade intimista e subjetivista, mas sem uma experiência pessoal com o Deus misericordioso.

Essas pessoas necessitam passar por um processo de reiniciação cristã para que possam viver radicalmente o seguimento de Jesus como adesão pessoal de vida e não apenas como crenças em formulações doutrinárias. Os seguidores de Jesus sabem que devem amar como Jesus amou, ter misericórdia como Jesus teve misericórdia, pois ele nos mostrou que essa atitude partia de Deus mesmo: “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai”.³¹

³⁰ A versão aramaica usa o termo *raham*, a grega usa *agapao*. O termo aramaico tem a mesma raiz que a palavra útero (*réhem*) e denota “entranhas de misericórdia”. O vocábulo grego é o mesmo para o ágape cristão. Cf. PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 646-647.

³¹ Lc 6,36.



Com essa parábola, Jesus desafiou seus ouvintes a pensar de maneira diferente. E quando a ouvimos na liturgia ou quando a estudamos ou fazemos nossa oração com esse texto bíblico, precisamos permitir que nossa mentalidade seja transformada de alguma maneira.

Jesus está dizendo que precisamos pensar nas pessoas de uma maneira nova. As pessoas a quem devemos amar com misericórdia pode não ser necessariamente alguém de quem gostamos, ou alguém que seja como nós, ou alguém da nossa religião ou tradição, ou alguém com nossa mesma profissão ou grau de instrução.

A parábola do Bom Samaritano está no contexto dos missionários que foram enviados por Jesus. Isto não é sem motivo, pois a atitude exclusiva a respeito de quem deveremos amar, pode não ser apenas do Doutor da Lei. Esse tipo de atitude pode infectar muitas instituições, até mesmo a comunidade dos seguidores de Jesus. O sucesso dos missionários dependia diretamente da acolhida que a comunidade cristã teria para com todas as pessoas, sem excluir ninguém. A Igreja missionária deve servir aos outros enquanto anuncia o evangelho. De fato, servir aos outros é o meio mais eficaz de evangelização, pois essa foi a forma usada por Jesus para anunciar o Reino de Deus.

Certamente a vida oferece oportunidades diárias para que todos possam mudar seus caminhos, começar a amar a Deus como se deve e cuidar daqueles que mais necessitam. Da mesma forma como acontece hoje, infelizmente o que houve naquela estrada para Jericó não foi um acontecimento incomum. Às vezes, os ladrões fingiam ser feridos na beira da estrada e, quando alguém os ajudava, atacavam a pessoa desavisada. O medo do homem ferido ser um engodo pode ser uma razão pela qual alguém deixaria um ferido sem assistência. Portanto, por várias razões, aqueles que ouviam Jesus podem não ter ficado muito chocados com o fato de o sacerdote e o levita passarem do outro lado da estrada. Amar com misericórdia é um risco que sempre teremos que correr. Por isso as pessoas estão ficando indiferentes ao sofrimento alheio, endurecendo os corações.

No entanto, o Bom Samaritano é uma figura de Cristo. É em Cristo que vemos o exemplo supremo do que significa amar a Deus e amar o próximo. Acima de tudo, em sua paixão, Cristo assume como sendo seu todo o sofrimento da humanidade inteira e a conduz à plenitude da vida.



Cristo é o exemplo e a causa do amor misericordioso que devemos mostrar uns aos outros. É a experiência do amor misericordioso de Deus por nós através da presença do Espírito de Cristo dentro de nós que nos leva a irradiar misericórdia para nossos semelhantes. Tornamo-nos bons samaritanos quando nossas vidas se conformam tão plenamente à de Cristo que nos tornamos os instrumentos da misericórdia de Cristo no mundo.

Referências

- BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*. V. III. Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- BÍBLIA de Jerusalém. Revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho segundo Lucas. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos: história e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARCONI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MONASTÉRIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodriguez. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave Maia, 2006.
- PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.